

Preocupação com dívida do

Brasil elimini na Europa

Londres — Os banqueiros europeus estão utilizando apenas uma palavra para definir seu estado de espírito antes das negociações que se iniciam hoje entre o Brasil e seus credores, em Nova Iorque: relax. Nas praças financeiras de Londres e Frankfurt, o Brasil não ocupa atualmente o primeiro lugar na lista de preocupações.

— É a Argentina de longe o pior problema. Em relação ao Brasil, há moderado otimismo, causado pela boa performance da balança comercial — comentou um banqueiro inglês.

“Arranjo provisório”

Embora ninguém comente isso abertamente, os banqueiros estão com os olhos voltados para o processo político brasileiro e acham que antes do novo Presidente tomar posse e nomear sua equipe econômica, dificilmente haverá negociações sérias para reescalonar a dívida a longo prazo, conforme o Ministro da Fazenda, Ernane Galvães, vem anunciando que vai fazer.

“De que adianta estabelecer agora parâmetros fixos, entrar numa série complicada de detalhes técnicos e mobilizar toda a comunidade banqueira internacional se depois não sabemos exatamente o que acontecerá? Não se trata de pânico em relação ao novo Presidente, mas apenas de dar uma chance, muito natural, a um novo governo, para que ele possa fazer sua própria política”, disse, por telefone, um banqueiro de Frankfurt.

O mesmo tipo de opinião é bastante difundido pela City e tem sido recolhida com freqüência também pelos banqueiros brasileiros operando na Capital britânica. Um dos encarregados de departamento latino-americano num grande banco inglês, falando em caráter estritamente pessoal, disse que as negociações de Nova Iorque trarão provavelmente um arranjo provisório até junho do ano que vem.

— O normal é que um novo governo leve uns três meses para se estabelecer e tomar contato com o que o anterior fez no setor. Com a Argentina também não foi diferente, e a situação deles era muito pior do que a brasileira quando Alfonsín assumiu — afirmou.

Alguns banqueiros brasileiros em Londres afirmam, em tom irônico, que o novo governo provavelmente levará bem mais tempo para se estabelecer. Alguns críticos afirmam que dificilmente a “casa estará em ordem”, conforme vêm prometendo as atuais autoridades econômicas.

Dinheiro novo

Para banqueiros internacionais e também para os brasileiros em Londres, o único “mistério” nas negociações em Nova Iorque até agora tem sido o fato de o Brasil insistir em que não precisará tomar dinheiro novo para 1985. Mesmo aceitando a validade dos cálculos feitos pelo Governo brasileiro, essas fontes argumentam que o Brasil tem posição comparativamente melhor quando se sentar à mesa para negociar, e que poderia, portanto, conseguir dinheiro novo em condições mais favoráveis. Além disso, argumenta-se em Londres, não pedir dinheiro novo seria o mesmo que desperdiçar uma boa ocasião para reforçar as próprias reservas em divisas, pois ninguém se arrisca atualmente a fazer previsões a longo prazo para o mercado financeiro internacional ou a economia mundial.

Indagado sobre alguns aspectos específicos das negociações de Nova Iorque, como a possibilidade de o Brasil renegociar sua dívida pelos próximos 14 anos, um banqueiro alemão manifestou-se menos otimista. Contudo, ressaltou que o simples fato de um modelo desse tipo “tirar a gente dessa loucura de negociar todo ano” poderia acabar sendo um fator decisivo para os bancos europeus, que de maneira geral continuam resmungando pelo fato de os colegas americanos terem dado o tom até agora nas principais operações de reescalonamento com a América Latina. Nesse ponto, acrescentou-se um banqueiro inglês, a praça de Londres perdeu certa parcela de sua importância tradicional, o que se revelou também um fator psicológico importante para os banqueiros europeus.

WILLIAM WAACK

Correspondente